vai se tornando mais aparente a face da cultura de violência contra a mulher que Eva Blay se propõe desvendar e cada vez mais visíveis as entranhas das relações sociais de gênero urdidas no interior dessa cultura. O levantamento dos processos criminais de 1997 em que as mulheres eram vítimas, em cinco tribunais do júri da cidade de São Paulo, exigiu dois anos de trabalho nos livros de registro. Levantados 8.805 processos, foi sorteada uma amostra quantitativamente representativa, detalhada num anexo do livro.

O exaustivo trabalho de pesquisa, que não se furtou inclusive a examinar dados em que é a mulher a agente da violência, permite que nas conclusões a autora invista contra alguns dogmas, como por exemplo a lentidão da Justiça, nesse âmbito: "... não foi isso que constatamos. Ele [o Judiciário] age com relativa rapidez, levando cerca de dois anos para concluir todo um processo judicial". Eva Blay constata também que a Justiça vem punindo mais e mais os assassinatos de mulheres, assim como a mídia se mostra cada vez mais crítica a esses crimes. Entretanto, com a violência contra a mulher sendo "produzida e reproduzida socialmente", com as relações sociais de gênero ainda hierarquizadas, "correspondendo à população masculina o exercício da dominação pela força física ou psicológica" e com a vigência ainda do "machismo cultural que considera a mulher uma propriedade do homem", fenômeno que, aliás, se manifesta em todas as classes sociais, a levar em conta os crimes estudados, só políticas públicas transversais e com a total participação da sociedade civil podem representar, segundo a autora, "um caminho para alterar a violência em geral e a violência contra as mulheres em particular".

Vale citar um trecho da orelha de Sérgio Adorno para encerrar: "Os crimes contra as mulheres são construções sociais que dizem respeito ao modo como a sociedade moderna e, em particular, a sociedade brasileira equacionam as relações entre poder, dominação e gênero".

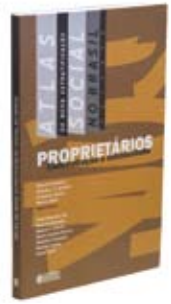
FOTOS EDUARDO CESAR

Emílio Goeldi (1859-1917): a ventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil

Nelson Sanjad
Empresa de Marketing Cultural – EMC
232 páginas, R$ 60,00

Através de uma biografia intelectual, Nelson Sanjad nos apresenta o percurso traçado pelo naturalista Emílio Goeldi em solo brasileiro, que nos permite reconstruir significativos passos do desenvolvimento cultural e do estudo da fauna no país. Acompanhado de belas ilustrações, o livro é dividido em duas partes, a primeira sobre a trajetória do cientista entre a Suíça e o Brasil, e a segunda sobre a divulgação científica e histórica de sua obra.

EMC Edições
www.foxvideo.com.br



Proprietários, concentração e continuidade

Marcio Pochman e outros (orgs.)
Cortez Editora
208 páginas, R$ 24,00

A série *Atlas da nova estratificação social no Brasil* retoma o estudo deste tema na tentativa de compreender o novo perfil de nossa sociedade. Os organizadores deste terceiro volume dividem-no em seis capítulos abordando tópicos que vão desde os proprietários na história do capitalismo e sua condição de reprodução ao longo tempo, passando pelo contexto específico brasileiro, até a identificação desses proprietários, seu consumo e sua renda.

Cortez Editora (11) 3864-0111
www.cortezeditora.com.br

Ética, jornalismo e nova mídia

Caio Túlio Costa
Jorge Zahar Editor
288 páginas, R$ 39,90

Caio Costa destaca as contradições e os desafios do jornalismo no século XXI e as relações estabelecidas com as novas mídias do ponto de vista ético. Seu trabalho levanta temas como o jornalismo enquanto negócio e, ao mesmo tempo, uma atividade de interesse público, além da busca pela precisão num cotidiano ditado pela urgência. Assim, o autor debate a manutenção da identidade jornalística diante de uma rede saturada de informações.

Jorge Zahar Editor (21) 2108-0808
www.zahar.com.br